



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA

XIX SEMANA DE HISTÓRIA

Política, poder e diversidade: diálogo entre universidade e comunidade.

**“O FASCISMO É FASCINANTE, DEIXA A GENTE IGNORANTE E FASCINADA”:
EMERGÊNCIA DAS IDÉIAS FASCISTA NO ESPAÇO ESCOLAR.**

Cicero Anderson de Almeida Bezerra¹

RESUMO

O referido artigo visa problematizar o fascismo como acontecimento histórico, tornando possíveis novas reflexões sobre esse fenômeno. Ao discutirmos a sua ocorrência no século XXI, a sua presença nas práticas cotidianas, a emergência das idéias fascistas no espaço escolar e o seu rápido avanço no Brasil a partir de 2013, percebido através dos discursos de ódio nas redes sociais, estamos estabelecendo um marco importante de referência que nos permite confrontar algumas teorias que insistem em negar a sua existência, mesmo diante de tantas denúncias e evidências de crimes praticados por indivíduos motivados por ideologias fascistas. No rol desse debate discutiremos ainda iniciativas como os Projetos "Escola sem Partido" e "Ideologia de gênero" e a sua relação com o ensino de história. Neste sentido ganham enorme relevância, nas amplas dimensões do debate sobre o fascismo na atualidade, temas como o papel da mídia e do historiador, a importância social do conhecimento acadêmico e suas possíveis apropriações por diferentes públicos, o caráter multidisciplinar da produção histórica e suas várias linguagens frente ao estudo de uma questão do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo; Atualidade; Ensino de História.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Ensino Profissional de História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: candbez@hotmail.com

A cadela do fascismo está sempre no cio.

Bertolt Brecht²

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho, entre aspas, faz referência a um trecho da música: “Toda forma de Poder”, interpretada pelos Engenheiros do Hawaii, lançada em 1986, no álbum “Longe demais das capitais”, de composição de Humberto Gessinger e faz uma crítica ao abuso de poder presente nas formas de governo, especialmente nos governos autoritários. Este artigo é parte integrante da pesquisa de dissertação do Mestrado profissional em ensino de História – ProfHistória, da Universidade Regional do Cariri – URCA e encontra-se em andamento.

Para tentarmos demonstrar o entusiasmo e a dimensão adquirida pelos estudos dos tempos recentes e a necessidade de mais reflexões e novas sistematizações acerca de fenômenos do passado que ressurgem na atualidade, como o fascismo, bem como a postura do historiador e o papel da história na contemporaneidade, Certeau (2010) nos explica que:

O acontecimento é justamente o que modifica a história. A importância que se atribui a um acontecimento é que permite qualifica-lo como acontecimento. Um fato torna-se um acontecimento por causa das modificações que ele introduz na historiografia. (...) É preciso constatar um fenômeno estranho na historiografia contemporânea. O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada a generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele, se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. “Faz um desvio” (...) todas elas zonas silenciosas. (CERTEAU, 2010, p.87)

Muitas são as concepções sobre a importância da ciência histórica e os seus reais campos de estudo na atualidade. Há entre os historiadores contemporâneos um intenso debate acerca da necessidade de superação do tempo histórico como único, contínuo, eurocêntrico e progressista. Para uns, a História tem um movimento pendular. Para outros, ela tem um efeito bumerangue, relacionando causa e

² O escritor alemão quer nos dizer que as práticas fascistas nunca deixam de existir, apenas ficam adormecidas. Nos últimos anos temos visto aflorar no Brasil os pensamentos autoritários na política, a exemplo dos discursos proferidos pelo candidato a presidência da República Jair Bolsonaro, PSL.

consequência. Há ainda os que afirmam que a História movimenta-se de modo espiral, no sentido em que pode ser ora ascendente, ora descendente.

Apesar de não haver concordância quanto ao movimento da ciência histórica, qualquer que seja ele nos leva a observar as ideias que prevalecem em determinada época, período ou recorte histórico e como essas ideologias ficam encarnadas nos indivíduos através das memórias que vão sendo fabricadas a partir de episódios vividos e que se configuram como algo significativo, memorável ou traumático.

O historiador é o profissional, que através das fontes sob as quais se debruça, estabelece relações entre idéias e lugares num tempo, conectando o presente com o passado, neste processo permanente de construção de narrativas, através das descobertas que realiza com suas análises e métodos de investigação.

Nas palavras de Certeau (2016): “O historiador é delegado por uma sociedade para reabsorver essa diferença do passado. Ele recebe a incumbência de uma sociedade para diminuir ou obliterar a ameaça representada por algo diferente, seja próximo ou passado.” (p.167)

Sobre o assunto, Certeau (2010) nos traz as seguintes reflexões:

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me pergunto sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas. (CERTEAU, 2010, p.65)

Neste sentido, não podemos encarar a história como uma simples operação na qual o historiador se apropria de um objeto de pesquisa na busca de uma verdade absoluta, isto seria reduzi-la a uma criação sua. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que, o que torna um fato ou acontecimento em algo histórico é a combinação entre o lugar social onde ele ocorreu, as práticas científicas utilizadas pelo historiador e a escrita produzida por este, com seus métodos de reflexão, pois segundo CERTEAU (2010) toda interpretação histórica depende de um sistema de referência. (p.67)

E ainda nos acrescenta acerca do estudo histórico que o que torna possível novas pesquisas está mais ligado ao complexo de uma fabricação coletiva do que a uma filosofia pessoal ou a ressurgência de uma “realidade” passada. É o produto de um lugar. (p.73)

Mas, seria o papel da história apenas estudar os acontecimentos do passado? As pesquisas sobre o presente, não teriam relevância? O que tornaria uma pesquisa sobre um determinado fenômeno social, econômico, político ou cultural da atualidade relevante do ponto de vista histórico? Quem julga a qualidade e a validade de um texto histórico? O que é história? O que é ficção? O que é um acontecimento senão aquilo que é preciso supor para que a organização dos documentos seja possível?

Para refletir sobre os questionamentos propostos acima, recorreremos a CERTEAU (2010), que nos auxilia ao afirmar:

O lugar que se dá à técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência. A organização da história é relativa a um lugar e um tempo, isto ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção (...) Cada sociedade se pensa “historicamente” com os instrumentos que lhe são próprios (...) A história é mediatizada pela técnica (...) é nesta fronteira mutável, entre o dado e o criado (...) que ocorre a pesquisa. (CERTEAU, 2010, p. 78)

Certeau problematiza o conhecimento histórico ao trazer para o cenário das discussões temas que norteiam a produção da história e o lugar de narrativa. Nos causa ao mesmo tempo fascínio e estranhamento ao criticar a história fixa e estática, o que nos permite perceber as artes e as criações nas coisas simples do cotidiano (como o caminhar, o ler, o morar, o cozinhar, Etc.) Uma história onde o sujeito é criativo, capaz de subverter a disciplina e enxergar o cotidiano como espaço de conflitos.

Na sua obra “A invenção do Cotidiano”, Michel de Certeau traz para o cerne das discussões a pesquisa sobre os elementos do dia-a-dia, o corriqueiro, o imediato, aquilo que entre os historiadores contemporâneos convencionou-se chamar de história do presente, reconhecendo a sua relevância, ainda que diante da imprevisibilidade de evidências ou fontes, ao sustentar que: “mais de que tratar um tema tão fugidio e fundamental, trata-se de torná-lo tratável, ou seja, fornecer, a partir de sondagens e hipóteses, alguns caminhos possíveis para análises ainda por fazer”. (p.37)

Ao analisar os procedimentos utilizados pelos historiadores que assegurariam o caráter científico aos seus trabalhos, menciona a apropriação de outros utensílios e aparelhos técnicos utilizados na época, apontando os novos procedimentos de arquivos e o uso dos computadores nas pesquisas, possibilitando questões e

respostas novas para questões diferentes na contemporaneidade, considerando o ponto de partida para uma nova fase da história.

A análise contemporânea altera os procedimentos ligados à “análise simbólica” que prevaleceu a partir do romantismo e que buscou reconhecer um sentido dado e oculto: ela reencontra a confiança na abstração que é hoje um conjunto formal de relações ou “estrutura”. Sua prática consiste em construir “modelos” propostos decisoramente, em “substituir o estudo do fenômeno concreto pelo estudo de um objeto constituído por sua definição”, em julgar o valor científico deste objeto segundo o “campo de questões” a que permite responder e segundo as respostas que fornece, finalmente, em “fixar os limites da significabilidade deste modelo”. (CERTEAU, 2010, p. 84)

Na história do presente, há lugar para pesquisas dos acontecimentos do dia-a-dia, do cotidiano, do instante em que eles supostamente acontecem. Embora se apresentem inúmeros desafios em relação ao estudo de temas e questões recentes, é possível produzir um discurso histórico que confirme uma tentativa de produção científica, referenciando-se num acontecimento do passado, que persiste no presente e que seja capaz de exprimir as diferenças de cada momento histórico.

Em outras palavras, recorrendo a Certeau (2016), poderíamos dizer que:

A história situa-se nessa articulação: por um lado, ela ocupa-se de um presente que pretende ser diferente; ela confirma uma inovação fundadora, um novo começo. Por outro, em um discurso, ela exprime a necessidade de situar-se em relação ao que, no presente, ainda dá testemunho de algo mais antigo, rebelde e resistente ao presente (...) reservar-lhe um lugar nesse discurso histórico é permitir ao presente compreender-se a si mesmo como diferente e, como situado em continuidade. (CERTEAU, 2016, p.177)

Somente considerando-se a importância dada a um determinado fato, seja ele do passado ou do presente, ao observarem-se as inquietações que este causa ao historiador e o incômodo que provoca na sociedade de uma determinada época, é que podemos mensurar as modificações que este acontecimento será capaz de introduzir na historiografia.

Ao discutirmos o fascismo como fenômeno político no século XXI e a emergência das idéias fascistas no espaço escolar no Brasil, não estamos buscando afirmar que a história se repete tal qual aconteceu na Alemanha nazista, na Itália fascista ou em qualquer outro país que tenha vivido experiências de regimes autoritários.

Problematizar um acontecimento histórico do passado no presente significa lançar um novo olhar sobre as evidências, fatos e eventos em que ele se deu e como se manifesta no presente, tentando compreendê-lo de acordo com o processo

histórico no qual se desenrola, analisando as condições sociais que possibilitam a sua ocorrência. Trata-se, portanto de desenvolver uma abordagem histórica do fascismo na tentativa de desvendá-lo.

O estudo sobre o fascismo no Brasil e sua relação com o ensino de história nos dias atuais tem o objetivo de questionar o fato marcante desse fenômeno se apresentar como natural. As práticas fascistas aparecem como consequências necessárias do Estado ou da vida em sociedade, dessa relação entre homens que dominam outros homens através do recurso à violência. O fascismo não é percebido como tal por seus agentes: tem-se, então, a naturalização de práticas fascistas, mesmo em ambientes formais, como a escola.

Qual seria então a conexão entre o fascismo e o ensino? Algumas medidas adotadas pelos nazistas na Alemanha, apresentadas a seguir, nos auxiliam no entendimento sobre essa relação: houve uma intensa interferência nas escolas, no que se refere a orientação pedagógica. Os livros de história foram queimados e houve uma maciça adesão dos jovens estudantes e professores ao regime. A disciplina de educação física esteve à disposição do regime treinando os soldados para guerra contra a França, demonstrando como uma disciplina escolar pode estar atrelada a um projeto ideológico de nação.

O curta-metragem: Educação para a morte, produzido pela Walt Disney em 1943, ilustra muito bem o papel da educação na formação dos valores individuais construção de uma identidade nacional. A animação narra a história de Hans, um garoto alemão, desde seu nascimento, mostrando como ele é influenciado na escola a pensar de acordo com a doutrina nazista, onde aprende que os povos denominados pelo professor de mais fracos merecem ser eliminados. Assim, a vida de Hans se resume em marchar e saudar Hitler, desde a adolescência até sua morte.

O esforço em alterar o currículo de história e a disputa da memória do povo alemão, mesmo após a experiência nazista pode ser percebido recorrendo a Lenharo (2002):

Sabe-se que na Alemanha, até muito recentemente, o período nazista ficava em branco nos livros escolares. Dupla razão: uma, a vergonha e a dificuldade de carregar esse fardo culposos; outra, a falta de vergonha ou então um processo de resistência no sentido de não se assumir uma experiência coletiva, obra de todos. (LENHARO, 2002, p.11)

Ao discutirmos a ocorrência do fascismo no século XXI, a sua presença nas práticas cotidianas atuais e o seu rápido avanço no Brasil a partir de 2013, percebido através dos discursos fascistas nas redes sociais no período, analisando as suas manifestações e a sua relação com o ensino de história; estamos estabelecendo um marco importante de referência que objetiva confrontar algumas teorias que insistem em negar a sua existência.

Neste sentido ganham enorme relevância, nas amplas dimensões do debate sobre o fascismo na atualidade, temas como o do próprio papel do historiador, da importância social do conhecimento acadêmico e suas possíveis apropriações por diferentes públicos, do caráter multidisciplinar da produção histórica e suas várias linguagens, frente ao estudo de uma questão do presente.

De acordo com Certeau (2016) seria: “desvelar uma descontinuidade, ao mesmo tempo tem o objetivo de dizê-la, relatá-la, analisa-la, explica-la e, portanto, introduzi-la no texto homogêneo de uma cultura presente, época em que se situa a narrativa historiográfica.” (p.168)

Certeau (2016) afirma que: (...) Somos incapazes de fazer história sem explicar um fenômeno qualquer de um período em função do todo (...) que é a sociedade de determinada época. (p.172). O que justifica de certo modo falarmos sobre o fascismo e recorrermos as suas origens e sua relação com a atualidade.

O fascismo é um fenômeno complexo de ser estudado que se desenrola dentro de um grande acontecimento do século XX na Alemanha, na Itália e em diversos países, inclusive no Brasil e que atualmente tem um forte apelo no cenário de debates contemporâneos. Sua ideologia tem ganhado a simpatia e adeptos de todas as faixas etárias no país.

No Brasil tivemos o maior partido nazista do mundo fora da Alemanha. A Ação Integralista Brasileira (AIB), organização inspirada no fascismo italiano e no integralismo lusitano, chegou a reunir mais de um milhão de filiados. Na Constituição de 1934, em seu artigo 138, está escrito que “Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios: estimular a educação eugênica”, ou seja, fomentar a superioridade da raça branca perante as demais.

Os neofascistas não se contentam em disseminar o ódio através das redes sociais para conquistar o poder e/ou impor suas concepções de mundo. Apostam em projetos e idéias reacionárias de retorno a um passado mítico marcado por

desejos de “ordem” e “pureza”, uma representação que funciona como “fantasia”, capaz de dar conta e suporte aos seus desejos fascista.

A apologia constante às ideias fascistas e a disseminação de todo tipo de preconceito nas redes sociais parecem ter provocado uma guerra ideológica virtual no Brasil. Essa violência verbal tão propagada tem assumido a forma física em espaços como a escola onde os casos envolvendo agressões tem aumentado significativamente. Temos a sensação de que vivemos um delicado e sombrio período da nossa história.

Recorremos mais uma vez a Certeau (2016):

Qual será a relação da história com uma sociedade? Parece-me que a história desempenha o papel de ser uma das maneiras de definir um novo presente. Por um lado ela permite que um presente se manifeste como diferente do que, até então, lhe era imanente sob a forma de tradição (...) Opera uma escolha no presente em que certo número de elementos são considerados, daí em diante como “passados” (...) Consiste em situar-se em relação a origens “históricas”, (...) organizada em função de uma decisão atual política ou social(...) Efetua um novo recorte(...) Cria uma singularidade. (CERTEAU, 2016, p.176)

A disseminação da intolerância, do ódio, do elitismo e da misoginia que observamos nos últimos anos, seja nos atos “Fora Dilma” e nos painéis da classe média, nas medidas tomadas pelo governo de Michel Temer e no conservadorismo do congresso nacional, na ascensão de iniciativas como a Escola Sem Partido, o Projeto de Ideologia de gênero e o Movimento Brasil Livre (MBL), expressam a vitalidade e o perigo da fascitização da sociedade brasileira que não podem ser menosprezados.

O polêmico projeto Escola sem Partido proposto pela direita no Brasil tem sido bastante criticado. Diversos intelectuais e pensadores da educação afirmam que o projeto dissemina concepções e práticas preconceituosas, discriminatórias e excludentes, além de contrariar o princípio constitucional do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, eliminando a discussão ideológica no ambiente escolar, restringindo os conteúdos de ensino a partir de uma pretensa ideia de neutralidade do conhecimento.

A conjuntura brasileira atual se assemelha a situação da Alemanha nazista: crise econômica, desemprego alarmante, reforma trabalhista, perda política do papel dos sindicatos, divisão entre as esquerdas, etc. Neste cenário, políticos se aproveitam da vulnerabilidade psicológica da população e de sua descrença para

em nome de Deus, da família e do amor à pátria, defenderem o armamento como solução para os problemas do país. Seria mera coincidência ou há um intuito em se instaurar no Brasil uma política fascista?

Nessa disputa, a mídia tem exercido um papel importante. O fanatismo religioso e o extremismo manifestado abertamente na internet tem acirrado os ânimos e estimulado o ódio. Surge uma falsa ideia de que o povo precisa de um homem forte e mão firme que conduza os rumos do país. Dão a ele o nome de mito. No meio de toda essa euforia, há os que deixam os livros de história pra lá, ignoram o passado doloroso e a experiência traumática vivida no Brasil durante a ditadura militar e flertam com o fascismo indo para as ruas pedir a intervenção militar. Mas há também os que resistem.

Diante das evidências fascistas no Brasil, o grande desafio apresentado aos historiadores e ao ensino de história tem sido como debater esse fenômeno com um público que não consegue identificar as suas manifestações, os que afirmam que o nazismo é de esquerda e os que simplesmente simpatizam e defendem a sua existência e não se permitem dialogar sobre o assunto.

O processo social brasileiro não é a reprodução de outros processos. A sociedade brasileira moldada pela escravidão e centrada na desigualdade histórica, onde o exercício da cidadania é um privilégio e não um direito, denunciam o totalitarismo e a sua lógica fascista adaptada às nossas contingências.

Considerações finais

Ao arriscarmos estudar um acontecimento como o fascismo marcado pela tirania, violência extrema, autoritarismo e forte repressão às liberdades individuais, cuja importância histórica parece ter sido atribuída ao passado; tornamos possíveis novas reflexões no presente sobre esse fenômeno a partir do agora.

O aumento de movimentos reacionários e fundamentalistas de todo tipo no Brasil e os frequentes discursos de natureza fascista nas redes sociais, presentes nas falas inclusive de políticos tornam perceptível a presença do fascismo entre nós, apesar do esforço midiático em negar a sua existência.

Nem a História se repete nem o processo social se desenvolve linearmente. O conceito de fascismo é bastante complexo. A História sempre reflete as intervenções de tempo e espaço e sofre ainda, no curso do tempo, as transformações impostas

pelas novas visões de mundo que reinterpretam, reinventando-o, o fato histórico, assim emprestando-lhe novas leituras valorativas.

O fascismo como um fenômeno do passado, precisa ser problematizado, estudado e pesquisado no presente, para poder ser entendido e combatido permanentemente nas ruas, nas mídias, nas escolas, no parlamento, em todos os espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: “O triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 2002.